



# Clara Sola

Direção: Nathalie Álvarez Mesén. País de Origem: Costa Rica / Suécia / Bélgica, Alemanha / França / EUA, 2021.

*Clara Sola* toca a alma. Mostra-nos como uma pessoa, mesmo sendo o centro das atenções, pode ser invisibilizada. O longa-metragem de estreia da diretora sueco-costa-riquenha Nathalie Álvarez Mesén trata de libertação, um despertar individual, espiritual e sexual que é o caminho para a própria voz, para o controle da própria vida.

Wendy Chinchilla Araya interpreta Clara, uma mulher de mais ou menos quarenta anos, que é considerada santa, por isso tem a reputação de curandeira em uma remota aldeia na Costa Rica. As pessoas vêm de longe para serem curadas por ela, pois supostamente Clara viu a Virgem Maria na infância. Capaz de fazer “milagres”, é submetida ao conservadorismo religioso e seus excessos. Sua mãe, Fresia (Flor

María Vargas Chavez), recusa-se a concordar com uma cirurgia, considerada essencial pela médica, que corrigirá a curvatura na coluna da filha, para que possa se locomover sem dificuldade e não precise conviver com a dor. Fresia argumenta que Deus a fez assim, então, é uma cruz que Clara deve carregar. A resposta da mulher revela o tipo de vida que cerca Clara: tutorada, infantilizada e refém do fanatismo religioso.

A cena na clínica ainda é sintomática para o entendimento das interdições direcionadas à protagonista. Quando Maria (Ana Julia Porras Espinoza), sobrinha de quatorze anos de Clara, contesta a avó, ao perguntá-la, “Então, eu deveria ter mantido algum dente torto?”, a resposta da anciã é que com a jovem é di-

ferente. O direito à autoestima é retirado de Clara em nome da abnegação e do sofrimento físico, porém, decidido por um agente exterior.

Clara pode conversar com os animais e saber seus nomes secretos. A principal relação é com o cavalo branco Yuca, que compreende os comandos dela, é devoto e obediente. Na natureza, a protagonista é livre, conhecendo minuciosamente a fauna e a flora locais. É como um esconderijo e um reino. Uma breve ruptura com a civilização que tanto a aprisiona. No entanto, Fresia faz de tudo para impor restrições ao que ela considera rebeldia e maus modos. Sempre reclamando de um suposto martírio, a mulher puni Clara pela curiosidade sexual, de estar sempre se tocando após uma cena *caliente* em uma novela, fazendo mergulhar os dedos em pimenta malagueta. Suprimir a tentação da masturbação com um castigo infantil.

A chegada de Santiago (Daniel Castañeda Rincón) – contratado para levar Yuca a turistas em passeio, e que mais tarde se tornará namorada de Maria – ocasiona o florescimento inevitável e implacável de uma mulher vigiada e enclausurada em um contexto arcaico de sacrifício pela fé, enredada pela crença alheia – suas súplicas, ignorância e santimônia –, que não suporta os rituais religiosos ao qual é obrigada a participar pela mãe autoritária e carola.

Esse novo desejo, a atração sexual, é um dispositivo emocional a mais na revolução que acontece no interior de Clara. Período que coincide com o décimo quinto aniversário de Maria. O ritual de apresentação à sociedade da adolescente é também uma manifestação da sua curiosidade e das precipitações da puberdade. O vestido azul confeccionado para Maria usar no baile desencadeia reações já incontroláveis em Clara. A ela, que tudo é negado, um vestido novo, bonito e azul é a presença da valorização. Mas sua vontade é entendida novamente como capricho, já que a simplicidade é um elemento precípuo do sentimento religioso.

Clara acompanha às escondidas o romance de Maria e Santiago. Presenciando furtivamente beijos e carícias. Toda excitação das cenas mais quentes das novelas estão diante dela. Como expressar desejos há tanto tempo sonnegados? A volúpia nascente e a curiosidade por um mundo que não é o das interdições e

da obrigação religiosa, de um lugar que não quer ocupar, movem Clara, que, em um momento de intimidade com Santiago, conta ao rapaz o seu nome secreto: Sola. Sozinha, sem companhia, em um processo de autodescoberta.

A fotografia de Sophie Winqvist torna a natureza uma entidade viva, explorando-a em pormenores e em planos abertos, que destacam um verde exuberante e favorece o realismo mágico com o qual a narrativa flerta. Clara pertence a esse mundo, que serve como símbolo a sua sexualidade latente. A estupenda trilha sonora de Ruben De Gheselle descreve com uma beleza indescritível a relação de Clara com a natureza, bem como o seu mundo íntimo.

A direção segura e tocante de Nathalie Álvarez Mesén encontra em Wendy Chinchilla Araya, em seu primeiro filme, a intérprete perfeita. Wendy cria gestos, expressões que definem essa mulher, seu exterior e interior, pois, entendemos o drama físico e os mundos que Clara tem dentro de si. É uma atuação impressionante, que desenvolve com precisão a jornada da personagem, de uma mulher dominada a uma mulher que exibe sua impetuosidade, que não aceita mais viver uma vida condicionada.

Depois do derradeiro gesto de Clara, para tornar sua revolução tangível, corpórea, e o não êxito de suas ações, a solução é a morte de Clara para Sola finalmente viver. Um belo simbolismo de Álvarez Mesén para o seu conto de libertação do desejo feminino e da emancipação de uma mulher.

Nos anos de 2018 e 2022, a revista virtual Ruído Manifesto convidou profissionais do audiovisual, entusiastas da sétima arte, professoras(es) e escritoras(es) para participarem da Copa do Mundo de Filmes, que ocorreu em paralelo aos mundiais de futebol na Rússia e no Catar, respectivamente.

A iniciativa não buscou celebrar o evento esportivo, mas aproveitar a realização da Copa, organizada pela FIFA, para provocar a pesquisa e exaltar o que cada cinematografia, entre os trinta e dois países classificados para o Mundial, tem de melhor. É um modo de conhecer filmes de nações que, geralmente, estão fora do circuito comercial e encontrar textos estimulantes sobre produções que estão na lista de favoritos de muitas(os) cinéfilas(os).

A crítica sobre *Clara Sola* de Nathalie Álvarez Mesén faz parte da segunda edição da Copa do Mundo de Filmes, organizada pela Ruído Manifesto, em 2022. (<http://ruidomanifesto.org/>).



**Wuldsen Marcelo**

Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e graduado em Filosofia (UFMT). Escritor, cineasta e roteirista. Curador e organizador das edições 2017, 2018, 2019, 2020 e 2022 da Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso, idealizada e organizada pelo Coletivo Audiovisual Negro Quariterê. Integrante do Coletivo Audiovisual Miraluz Films. É um dos editores da revista virtual de arte e cultura Ruído Manifesto. [wuldsenplath@gmail.com](mailto:wuldsenplath@gmail.com)